

ENTRE LINHAS RA- SURADAS: REVIRAN- DO A HISTÓRIA CO- LETIVA EM *A NOITE DA ESPERA* E PON- TOS *DE FUGA*, DE MILTON HATOUM

*BETWEEN CRASHED LINES: TURNING THE COLLECTIVE HISTORY IN *A NOITE DA ESPE- RA* AND PONTOS DE FUGA, BY MILTON HA- TOUM*

Thiago Monteiro do Carmo¹

Jesuino Arvelino Pinto²

Tamilles Emanuelly Lima de Souza³

Célia Leoní Wiebbelling⁴

1 Doutorando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – PPGE/UNEMAT/Tangará da Serra. Mestre em Letras, Linha de Pesquisa “Estudos Literários”, pelo Programa de Pós-graduação em Letras – PPGLetras/UNEMAT/Sinop. E-mail: thiago.monteiro@unemat.br

2 Doutor em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – PPGE/UNEMAT/Tangará da Serra. Professor Adjunto da UNEMAT, Campus de Sinop, Área Literaturas de Língua Portuguesa. Docente Permanente dos Programas de Pós-graduação e Letras (PPGLetras/UNEMAT/Sinop) e Estudos Literários (PPGE/UNEMAT/Tangará da Serra). E-mail: jesuino.pinto@unemat.br

3 Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – PPGE/UNEMAT/Tangará da Serra. E-mail: tamilles.souza@unemat.br

4 Mestranda em em Letras, Linha de Pesquisa “Estudos Literários”, pelo Programa de Pós-graduação em Letras – PPGLetras/UNEMAT/Sinop. E-mail: celia.leoni@unemat.br

Resumo

O estudo tem a intenção de refletir e aprofundar a discussão que circunda o debate sobre a relação entre literatura e ditadura, a partir da repressão e violências instauradas pela Ditadura Militar representadas por Milton Hatoum nos romances *A noite da espera* (2017) e *Pontos de fuga* (2019). Há nelas a relação entre o passado e o presente, pelo compartilhamento da experiência individual e a coletiva que, segundo os objetivos da pesquisa, não podem ser desmembradas, pelo viés das relações entre literatura e política, que tangencia as acepções de memória e identidade, apresentadas por estudiosos como Jameson (1982), Burke (1992), Peterson (1995), Candau (2019), Le Goff (2003) e Said (2003). A narrativa robusta das obras se aproxima do nosso cotidiano, causam certo estranhamento pela linguagem simbólica que apontam situações históricas do regime militar, atravessadas pelo silenciamento e censura às pessoas, mas, pela literatura, essas pessoas ganham voz. Tem-se a preocupação em não tratar o assunto como manifestação ideológica, mas ter, no trabalho Hatoum, como um processo de ressignificação do passado, tendo em vista que as classes dominantes furtam e se apropriam de discursos para utilizá-los em seu favor e relegam, à margem, as classes menos abastadas da sociedade.

Palavras-chave: Ditadura. Memória. Resistência. *A hora da espera*. *Pontos de fuga*.

Abstract

The study intends to reflect and deepen the discussion that surrounds the debate on the relationship between literature and dictatorship, based on the repression and violence introduced by the Military Dictatorship represented by Milton Hatoum in the novels *A noite da espera* (2017) and *Pontos de fuga* (2019). There is in them the relationship between the past and the present, through the sharing of individual and collective experience which, according to the research objectives, cannot be dismembered, due to the relationship between literature and politics, that touches on the meanings of memory and identity, presented by scholars such as Jameson (1982), Burke (1992), Peterson (1995), Candau (2019), Le Goff (2003) and Said (2003). The robust narrative of the works is close to our daily lives, they cause some strangeness due to the symbolic language that points to historical situations of the military regime, crossed by the silencing and censorship of people, but, through literature, these people gain a voice. There is a concern not to treat the subject as an ideological manifestation, but to have, in Hatoum's work, a process of resignification of the past, considering that the dominant classes steal and appropriate speeches to use them in their favor and relegate the less affluent classes of society to margins.

Keywords: Dictatorship. Memory. *The time of waiting*. *Vanishing points*. Resistance.

Introdução

Textos da envergadura dos escritos por Milton Hatoum proporcionam a ampliação e discussão sobre a noção que temos da construção moderna do estético, que entendemos ser inseparável da construção das formas ideológicas dominantes da sociedade de classes ditas modernas e que tem determinada subjetividade que consolida a classe burguesa.

O pensamento ou paradigma burguês que se representa pela individualidade do pensamento é uma representação sempre presente nos romances de uma parte do século XIX, que imprime a reprodução de um microuniverso social, delimitado a um espaço, a um tempo e ao fim, para dar conta da experiência individual de personagens em narrativas diegéticas.

Os romances de Hatoum, assim como outros antes dele, funcionam como elemento de legitimação das identidades nacionais. O que o autor nos oferta é a percepção de um passado em comum que imprime sentidos ao presente de nosso país. O compartilhamento de experiências expostas nas obras possibilita a existência de uma produção para além dos limites do nacional ao irrigar um espaço fértil aos debates que engendram as relações entre literatura e política, não no sentido de algo simultâneo ou deslocado entre si, mas de algo intrínseco e que não se pode desmembrar por correr o risco de ser leviano com a literatura, a política, ou com ambas. Nesse sentido, abordamos a questão, através dessa temática, de maneira específica, porém interessada ao debate que se faz importante em *A noite da espera* (2017) e *Pontos de fuga* (2019).

As Sombras da Ditadura

Os olhos de leitores que buscam uma leitura literária suave, complexa em meandros estéticos e ornamentada de metáforas e termos raros, deparam-se com uma literatura violenta em seu conteúdo e estilo linguístico, que se aproxima do dia a dia por meio das palavras utilizadas, mas sob nova roupagem, organização e com efeito que causam estranhamento (algo que não é novo), visto que tal linguagem simbólica faz com que nos encontremos como homens no tempo. Todavia, é fundamental pensar que é justamente em situações históricas adversas, em que há um regime político totalitário estabelecido, como tivemos em outros momentos históricos, em que a liberdade de ter voz é colocada no lugar do silêncio, através da censura, que incide à sombra dos fatos, a arte, por meio da literatura, ganha vieses de militância por meio do uso de ditos e interditos como estratégia de combate, que, de certa forma, resguarda aqueles que se propõem a ser resistência.

É nesse contexto que a língua artística, a estética verbal, no que compete ao poder da linguagem da obra que se torna ainda mais simbólica, metafórica e figurada, mas deixa clara a possibilidade narrativa e de interpretação de momentos violentos e de tortura, traumas desse contexto, uma vez que demonstra sua premente necessidade, principalmente, porque se dispõe a ser resistência, assim como muitas publicações do período de ditadura civil-militar ou que tangem a expor e abordar o complexo político por meio da produção literária de apresentação, ainda que disforme, dos gêneros sacramentados como tradicionais, com a mescla de um gênero incerto ou “não literário” que promove

uma espécie de trânsito entre gêneros e que deixa em evidência um dilaceramento interno da obra em inúmeros processos de fragmentação, seja na forma, ou do sujeito.

Entretanto, para entender como se deu a construção do golpe de 1964, é importante identificar, primeiramente, seus antecedentes para que tenhamos a proporção e significação das produções que relacionam a temática à literatura. No livro *O golpe nasceu em Washington* (1965), Edmar Morel apresenta alguns motivos ou frentes de ataque ao governo de João Goulart, que suportara o acontecimento, compostas (assim como em momentos bem próximos de nossas vidas) pela massiva oposição às reformas de base, pela conjuntura que permeava o debate sobre o petróleo, além da participação do imperialismo norte-americano.

Parte da eclosão desse movimento se dá em solo brasileiro, já que havia camadas da sociedade civil que não viam com bons olhos as conquistas dos trabalhadores e a ascensão de camadas menos favorecidas, contexto em que, também, a base do empresariado rural temia a perda de suas terras. Com os alicerces preparados, o golpe se deu mediante um estridente trabalho de preparação e instauração do medo e da categorização de um inimigo interno e que deveria ser abatido à força e a todo custo, o Comunismo. Tais prerrogativas se apoiavam, ainda, nos discursos pautados e manifestados nas ruas pelo distintivo “Deus, Pátria, Família”, com um grande aporte propagandístico da imprensa.

É nessa esteira tortuosa que alguns autores se dispuseram a contar a história que (ainda hoje) não conhecemos tão bem, a abordar em suas obras a temática ditadura e literatura. Com

a abertura política em meados de 1980, vieram à tona muitas publicações de denúncia com a “literatura verdade”, obras que, em sua constituição, tinham relatos pessoais e depoimentos não oficiais sobre o regime iniciado em 1964. Tais obras eram promovidas por biografias e autoficções feitas por ex-exilados, políticos e aqueles que sofreram direta ou indiretamente com o autoritarismo da época, como Fernando Gabeira (1941), em *O que é isso companheiro?*; Eliane Maciel (1965), em *Com licença, eu vou à luta (é legal ser menor?)*; *Feliz ano velho*, de Marcelo Rubens Paiva (1959).

Outra corrente que possibilitou denunciar o totalitarismo, a perseguição política e a frustração por perder seus direitos foi o realismo mágico, em que autores, como José J. Veiga, em *Sombra dos Reis Barbudos* (1974) e *O exército de um homem só* (1973), encontram um meio implícito e inteligente de expressarem suas críticas ao sistema daquele período. O romance reportagem foi um grande expoente do que se tem sobre a relação investigada que, embora não primasse pela qualidade estética dos romances, teve como alicerce a linguagem jornalística, baseada fatos, nos quais autores, como José Louzeiro, em Lúcio Flávio, o *Passageiro da Agonia* (1975); (1977), e Inácio Loyola Brandão, com *Zero* (1974), constituem um retrospecto diferenciado que ia de encontro com o que se estabelecia pelas vias tidas como verdade passível de ser vista pelo grande público.

Entretanto, ao tratar especificamente das obras de Hatoum, *A noite da espera* (2017) e *Pontos de Fuga* (2019), sob a perspectiva de um debate que está longe de se esgotar, sobretudo para se fazer presente e pertencente ao que deva ser vivo (nesse caso a memória coletiva), é que inferimos o predisposto:

de fazer da obra, não um efeito da História, mas um momento entre outros desta longa intriga. A História se torna, de certa forma, neste contexto, a soma das práticas coletivas (a cultura, a ideologia, o jurídico, o político, o econômico, as relações e as forças de produção) que dão sentido ao presente e ao devir (Peterson, 1995, p. 61).

O que (re)existe em *A noite da espera* e *Pontos de fuga* não é a simples representação do aspecto histórico e social, mas a presentificação da estrutura, do hoje em detrimento de um passado tenebroso, do ser humano sem direitos, do medo próximo, da luta sem perspectivas, porém com ideais que devem servir de baluarte. Os textos de Milton Hatoum, embora não sejam escritos no período de ditadura, devem ser lidos como alerta e apelo para a conscientização histórica, contribuição para a formação identitária brasileira. A iniciativa de analisar romances contemporâneos com um tema atemporal reveste-se de importância e pungente necessidade para o momento atual.

Não se pensa em tratar o assunto como manifestação ideológica, mas como processo de ressignificação do passado que, por efeito, desvela questões que insistem em colocar povos à margem, em situações e posições de inferioridade. Na sociedade, percebe-se a contraposição de valores e ideias advindas dos discursos dos dominadores, que se apoderam de forças e estruturas sociais enraizadas no passado, oriundas das formações de povos e revividas nas adaptações da conjuntura política atual, contexto reafirmado quando não se tem a capacidade do reconhecimento, da valorização, da aceitação e do respeito pela cultura e história do outro.

A literatura promove uma condição que grande parte das

peças jamais passara, visto que é duro pensar que a violência da separação, da ausência e exílio seja uma condição promovida de pessoas para outras pessoas. Retirada de sujeitos dos meios em que vivem, da sua cultura e daquilo que tenham como ímpeto de luta e busca de caminhos para sua vida e de seus pares é algo impensável e o período demarcado pelas obras aqui analisadas demonstram que as pessoas passaram e passam um momento trágico em que têm de se afastar e se deslocar para que sustentem seus posicionamentos. No momento exposto acima e pelo trabalho do autor, isso se fazia muito mais regra que exceção, como ocorre em *A noite da espera* e *Pontos de fuga* no que tange ao que se deve ponderar sobre o exílio, pois ler ou saber sobre alguém que tenha passado pela dura situação de ser conduzido ou ter de tomar essa atitude de se exilar por motivos escusos deva ser diferente de ter vivido.

Edward Said (2003, p. 36) expõe e debate o tema, ao ressaltar que

o exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contém episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre.

Para quem passou pela situação de estar no exílio, é trágico estar longe de seu lar e ter de absorver novos hábitos de vida e atividades que não seriam de sua necessidade primária, logo, a

grande luta deva se dar no espaço da memória, daquilo que lhe é inevitável, o pensar no que ainda existe e que lhe fora tirado e que nunca lhe dará o sentimento de satisfação, o não saber da hora da volta não causa sensação de segurança por não ser uma questão de escolha, mas algo que acontece que possibilita uma busca por aprendizado que lhe dê forças.

Outro ponto que há de ser levado em consideração são os traumas sofridos pelo sujeito contemporâneo que advém de fragmentações memorialísticas abordadas na literatura, no sentido que atua como mediadora de vozes que falam por metáforas, com a intenção de se projetar de maneira reflexiva, no futuro, de um passado recente, uma vez que há a necessidade, ou no mínimo a intenção, de problematizar a violência, que faz força para falar “a verdade e a memória”, conforme observamos em anotações da Rua d’Aligre, Paris, 1978:

“Teu pai decidiu morar em Brasília”⁵, ela disse, segurando e apertando minhas mãos. “Eu e meu companheiro... nós nos apaixonamos, Martim. Você vai entender. Escreve para o endereço do teu tio. Brasília é uma cidade diferente, mas você vai gostar de lá.” Quando ela ia me ver? “Daqui a poucos meses, filho.” Escutei uma voz meiga e um choro sufocado, depois senti o choro da minha mãe: o abraço mais demorado e triste da minha vida de dezesseis anos (Hatoum, 2017, p. 25, grifos do autor).

Um recorte importante e necessário a ser feito é a busca pelo conceito de memória para formulação reflexiva na contemporaneidade. Considerada como espaço de lembrança, reminiscência ou recordação, Peter Burke (1992, p. 2) entende

5 As aspas em citações diretas correspondem às marcações do discurso direto nos romances em análise, estratégia narrativa utilizada por Milton Hatoum.

a memória como toda “atividade humana [...] portadora de uma história”. Esse aspecto é observado tanto em *A noite da espera* como em *Pontos de fuga*, em que Hatoum se propõe a contextualizar aspectos ligados à história recente do país. É a partir da remissão ao passado que o trabalho com a memória vai sendo tecido. É interessante perceber como o tempo histórico é cuidadosamente destacado pelo(s) narrador(es), na medida em que se demarcam os períodos históricos a que se remetem suas memórias. A conversa de despedida com sua mãe vem a lume juntamente com a história de sua detenção em Brasília.

Fica evidente que esse pressuposto sobre memória se atrela com ações históricas recordadas por aqueles que as analisam, e é nesse íterim que “[...] o que corresponde à história é ‘recordar’, entretanto, para Assman (2011, p. 143), “[...] a memória corresponde mais a esquecer do que recordar”. Por outro lado, de acordo com Le Goff (2003), a memória está ligada ao conceito de fenômeno, por se tratar de um aspecto observável em cada segmento da sociedade. Além disso, se constitui a partir de acontecimentos do passado em função do tempo, não mais o mesmo tempo dos fatos acontecidos, por isso é apenas representado. Sob essa perspectiva, a memória compreende, na literatura, meio de representação de uma nação, país, sociedade, grupo social, indivíduo, espaço e tempo, etc., nesse sentido, pode-se compreender a memória como algo que se manifesta como espaço para refletir e recordar:

Não sei onde fiquei preso; fui proibido de telefonar, escutei barulho de motor de avião e com o zíper da calça marcava na parede cada dia que passava até desistir. Não quero falar dos interrogatórios. Melhor calar sobre o que se quer esquecer, mas é impossível esquecer (Hatoum, 2019, p. 88).

Muitos caminhos levam à memória e ajudam a compreender como ela é representada nas artes, principalmente na literatura e de modo específico nas obras de Hatoum, como forma ligada aos efeitos melancólicos, no que diz respeito aos elementos descritivos da narrativa produzida pelas referências memorialísticas feitas pelas personagens. Aspectos presentes na memória nos instigam a ter atenção a imagens que merecem ser recordadas, memórias ligadas ao espaço e ao tempo fazem parte de lugares de memória, espaço de uma espécie de arcafé recordativo, no qual estão espaços, datas e muitas outras recordações importantes ao indivíduo.

Entre a esperança e a desesperança, as marcas da história

As décadas de 1960 e 1970 são basilares no que se refere à experiência urbana em nosso país, sobretudo na literatura (claro que desde a primeira metade do século XIX) que já caracterizava as grandes cidades nas obras literárias, mas tinha como interesse a identificação de nacionalidade. Os fatos históricos se inserem no contexto global da realidade social, já que proporcionam elementos estetizados pelas obras aqui analisadas (sobretudo nas obras realistas), já que é sobre a realidade que o autor compõe seus estudos, análise e crítica. Dessa forma, percebe-se o compromisso de Milton Hatoum com as questões políticas, históricas e sociais do país a ponto de ter para si as situações expressas acima, não na simples exposição para fazer com que os momentos das obras sejam conhecidos e observados, mas no sentido de emergir novos debates que, por conseguinte, ressignifica aquilo que deveras seja necessário ao presente e futuro social como meio à resistência fundamental ao convívio entre as classes.

O autor encontra situações polarizadas em vários âmbitos e contextos, ao passo que elas sejam encaradas não somente como construção do sentido da narrativa, mas também como aporte histórico que por muitos é marginalizado e deixado à pecha do esquecimento. Dois lados distintos, um conservadorismo estagnado e protagonizado vorazmente até os dias de hoje e o marxismo proponente de rupturas e que também por isso pressupomos que o autor não está ou não utiliza um discurso de isenção em suas obras. Por conseguinte, ele se apropria de discursos oficiais históricos e personagens para construir o romance em que o real e o fictício dialogam e merecem observação de maneira convergente. O discurso oficial e o ficcional se desprendem do mesmo lugar e se encontram na constituição de temporalidade, deixando em evidência que o tempo (e os caminhos percorridos) é de extrema importância na construção de verossimilhança. Embora o texto permita a participação na construção de contextos e interpretações, há a evidente participação dele nos debates sobre política, sociedade e literatura atual. E, nesse sentido, ele promove um espaço para que o seu leitor exprima críticas e análises, que complementam suas obras com grande liberdade e com espaço para novas concepções do homem em sociedade.

Apresentamos, ainda, como eixo temático a memória, por entendermos o contraponto narrativo em detrimento de um esquecimento estratégico promovido ante aos interesses das classes dominantes e conservadoras (fortemente ainda hoje) apoiadas pelo regime instaurado com o golpe de 1964; essa abordagem nos leva a presumir ser importante compreender o passado que deixou chagas abertas na vida social de nosso país, as quais já não podem ser apreendidas como ameaças veladas, mas

como realidade presente em nossa vida política, e, a partir disso, se mostra importante para releituras do campo do memorável e da percepção de suas significações nas obras, pois as memórias do período deixam “traços compartilhados por muito tempo por aqueles que sofreram ou cujos parentes ou amigos tenham sofrido, modificando profundamente suas personalidades” (Candau, 2019, p. 151).

O registro cotidiano dos grandes centros urbanos põe os dramas humanos à mostra e permite a discussão do papel do próprio sujeito na sociedade a partir de suas transgressões da ordem. Nesse sentido, *A noite da espera* e *Pontos de fuga* repercutem a vivência do interior das personagens, e é nos fragmentos, cartas, anotações e lembranças que encontramos vestígios emergentes na narrativa, na qual ganham corpo ao quebrar barreiras do esquecimento e exprimem a degradação do ser humano por questionamentos existenciais, polifônicos e reflexivos sobre as demandas dos sujeitos elaborados a partir da desordem temporal e pelo peso que exerce a memória, pois ela pode ter uma proposição de liberdade sem esquecer das tragédias ocorridas:

Às vezes, quando eu volto do circo, a casa está quieta demais. Silêncio de cemitério. Ou de um lugar em ruínas. Na véspera de uma passeata ou de uma missa em memória de uma pessoa assassinada, Sergio San dá as instruções. Um voluntário (quase sempre é o próprio San) lança bolinhas de gude pra derrubar os cavalos dos policiais e espalha pregos em áreas próximas das manobras de viaturas e camburões. Os moradores da república nunca saem em grupo, no máximo em dupla. Sergio San desenha mapas com indicações de ruas perigosas e itinerários de fuga; igrejas e cemitérios são refúgios mais seguros. Anotam nomes e telefones de advogados e religiosos.

Todos calçam botas e sapatos de couro pra devolver com chutes as bombas de gás (Hatoum, 2019, p. 166).

Por outro lado, entendemos que a condição existencial das personagens é de suma importância (como em outras obras suas), já que são evocadas pela violência de maneira diferenciada, porque derivam do aumento das contradições sociais, principalmente, nos grandes centros urbanos. Embora essas características possam emergir na sua escritura, elas não podem ser tomadas, basicamente, como um retrato da vida urbana e social das grandes cidades brasileiras, já que Milton Hatoum nos apresenta categorias literárias muito mais ricas, além da violência, pois a solidão dos indivíduos em meio ao caos urbano é consideravelmente importante.

Com a estratégia narrativa construída nos relatos de outros (como no caso acima, uma anotação feita pela personagem Anita, na Casa da Fidalga, Vila Madalena, em 1974), verificamos que as personagens contam as histórias das quais participam, expressas através dos suportes polifônicos que marcam as características questionadoras e de resistência nos romances de Milton Hatoum. Quase que inexistem aspectos monológicos na narrativa (uma vez que há sempre um interlocutor preexistente e disponível, de que nós leitores e leitoras também fazemos parte), na qual se propõe um trânsito à construção da realidade em formação, artifício de resistência ao discurso hegemônico que contestam versões oficiais não por ter a intenção de se fazer verdade absoluta, mas pela resistência no sentido de contrapor a postura do Estado em detrimento das lutas protagonizadas por várias camadas da sociedade, como o movimento estudantil ao

pautar inúmeras lutas em tantos momentos de nossa história, por exemplo. A respeito disso, entendemos ser possível que as narrativas ganhem espaços de representação e ocupem lugar de (re)significação, no que Frederic Jameson pondera ao entender que:

Comprova-se assim que a forma mais acabada do que Althusser chama de “causalidade expressiva” (e do que chama de “historicismo”) é uma vasta alegoria interpretativa em que uma sequência de eventos ou textos ou artefatos históricos é reescrita em termos de uma narrativa mais profunda, subjacente e “fundamental”, de uma narrativa mestra oculta, que é a chave alegórica ou conteúdo figural da primeira sequência de materiais empíricos. Este tipo de narrativa mestra alegórica então incluiria igualmente histórias providenciais (como as de Hegel e Marx), visões catastróficas da História (como as de Spengler) e visões cíclicas ou viconianas da História (Jameson, 1982, p. 25-26).

Nesse contexto, consideramos que a cidade de São Paulo aparece não somente como cenário espacial, mas como aspecto literário a oferecer subsídios para uma formação identitária nacional, e é nela que o sujeito tende a experimentar as mais primitivas sensações humanas, como a violência. A separação dos pais de Martim e, principalmente, o desaparecimento de sua mãe dão suporte ao enredo, pois, de maneira abrupta, o acontecimento causa impactos direto na vida dele e molda, por assim dizer, a maneira de seus relacionamentos com seus amigos e comportamento, muitas vezes, questionado por eles.

Nas obras, encontramos (des)caminhos para debater e tecer críticas sobre o caos social e urbano, em que, ao lermos a obra, é possível verificar a intenção de debater os males que acometem nossa

sociedade até os dias de hoje que permanecem encobertos pelo véu do esquecimento, mas que ganhou forma e força nos últimos anos (a perseguição, o desrespeito, por exemplo). A narrativa literária conta muito do que aconteceu naquele período conturbado e retratavam os aspectos contemporâneos da sociedade brasileira. O narrador guarda memórias que são transmissivas, mas que impactam o coletivo, uma vez que todos se envolvem e que refletem como se fosse a metáfora do que ocorria no período, à medida que seu pai, Rodolfo, representava ou imprimia certa censura ao pouco contato entre filho e mãe, ou seja, exprimia, no mínimo, certa desaprovação, diante das atrocidades vividas por muitos naquele espaço:

Rodolfo sabia da minha viagem a Goiânia, falou do nosso encontro no hotel e fez ameaças. Você contou para ele sobre essa viagem? Ele escuta tuas conversas no telefone? Esse homem lê as minhas cartas? Me mande notícias sobre tua prisão, e a vida com o teu pai. Sei que Rodolfo gosta de ti, mas tenho medo de que ele te maltrate, só para me fazer sofrer. Preciso saber de ti, Martin. Um beijo saudoso da tua mãe Lina. Meu pai me espiava enquanto eu lia a carta. Uma sombra enorme, a três passos da soleira da porta. (Hatoum, 2017, p. 102-103).

A hora da espera e *Pontos de fuga* são marcados pela densidade narrativa que promove a (des)continuidade do enredo em idas e vindas, recuos e avanços, o que nos dá aporte para perceber os fatos e a dúvida em relação ao que é dito sobre verdades oficiais, sem deixar de ser literatura de alta qualidade, pois há profundidade nas personagens, espaços e relatos, em prejuízo a um trabalho interpretativo incessante de relacionar o proposto ao cotidiano. As obras até aqui publicadas da trilogia *O lugar mais sombrio* dão condições de vasculhar a reverberação das vivências íntimas dos sujeitos em seu tempo e em cada detalhe

ou fragmento, fazem surgir gatilhos de memória dilacerantes contidas em narrativas amordaçadas, carentes de manejo e envolvimento afim de não se perderem e não serem silenciadas. Desse modo, Martim e seus amigos, em suas trajetórias, rompem vazios do silêncio, impulsionando nossa compreensão sobre a degradação de nossa sociedade. Essa configuração narrativa encaminha de maneira complexa a marcação polifônica (propósito discutido em momento anterior neste estudo), dá ênfase a uma insinuante reflexão sobre literatura e política.

As alternâncias de vozes entre personagens exprimem um turbilhão temporal e espacial em desordem, dilaceram pela inexactidão enunciativa em discursos de sujeitos afetados diretamente pela tortura, perseguição e censura, espécie de embalo em que a resistência é fundamental assim como o protagonismo de pessoas de todas as classes sociais para definir os rumos do país nos dias de hoje. De outro lado, estavam as forças repressoras que tentavam sempre limitar e intimidar aqueles que têm certa formação política e que compreendem a situação do Brasil e lutam por justiça e liberdade de fato, juntando-se aos ideais daqueles que têm o desejo de liberdade, mesmo que não tenham atuação incisiva nas lutas em questão, como quando Martim, em *A noite da espera*, volta a escrever para sua mãe e revela sobre sua detenção (depois de ter um sonho no qual Dinah e Lina estavam juntas em um protesto, mas que, no momento em que ele abraçaria a mãe, os soldados do Exército reprimiram o protesto e impede que aconteça o abraço); aponta aquilo que sofreram os que, indiretamente, estavam envolvidos nas lutas contra o sistema opressor, em contraponto com aqueles que achavam a Ditadura uma intervenção normal e necessária:

Não me machucaram quando fui detido em março de 68. Mas os pesadelos, a violência, e tudo que vem acontecendo na vida de muitas pessoas dão a Brasília um sentimento de destruição e morte que nem sequer os palácios, a Catedral, as cúpulas do Congresso e todas as curvas desta arquitetura conseguem dissipar. [...] Os convidados são deputados federais, menos Galindo, um gaúcho de uns cinquenta anos, cuja voz exaltada fala de brasileiros desaparecidos, tortura, insurgências populares [...] Só a Baronesa discorda do gaúcho, ela afirma que não tem tortura no Brasil, que os militares só matam os terroristas (Hatoum, 2017, p. 150-151).

Não havia meios para confiar no Estado, que instalava o medo fortemente e sua severidade extrema pesava naqueles que se posicionavam contrários à Ditadura. No curso dos acontecimentos, a escrita de diários, testemunhos e cartas é um ato de resistência, considerado subversivo pelos agentes do governo golpista, de que os sujeitos utilizavam para se posicionar e demonstrar sua recusa e experimentar ou ter ciência do que estavam a vivenciar em compélida. Contudo, há um sentimento de contestação no plano discursivo, no sentido de tornar público aquilo que o discurso histórico não conta de maneira generalizada, mas que, pelo viés literário, é possível, é fundamental e constrói relações com o que permaneceria escondido, transformando-se em artifício contra o pragmatismo, que é “a linguagem política de hoje” (Said, 2003, p. 251) e que faz emergir nos indivíduos interpretações sobre o signo dilacerante representado pela palavra ditadura.

Todavia, é importante salientar um ponto já tratado de nosso pensamento no capítulo anterior, em que refletimos, brevemente, sobre a missa de sétimo dia de Alexandre Vanucchi

Leme, também conhecido como Minhoca. O fato se tornou emblemático, pois, depois de ocorrido, em março de 1973, o movimento estudantil volta a se mobilizar e se posicionar contra o regime. Os discursos nos documentos oficiais sobre o que realmente aconteceu com “Minhoca”, estudante do 4º ano de Geologia pela Universidade de São Paulo (USP) e militante da Ação Libertadora Nacional são, no mínimo, divergentes e tendenciosos e deixam o fato obscuro. Alexandre Vanucchi foi visto pela última vez em 15 de março de 1973 e o inquérito, exposto pelo Memorial da Resistência, instaurado diz que:

Sua prisão ocorreu no marco de um inquérito policial instaurado nesse órgão “para apurar as atividades subversivas da ALN, nesta capital, no qual se envolve Alexandre Vannucchi Leme”, segundo consta do Ofício nº 503/73-GD, do DOPS. No dia seguinte à sua prisão, Alexandre teria morrido em decorrência das feridas causadas por atropelamento de um caminhão^{6*}.

Ainda, no documento, as controversas são apresentadas e esclarecidas por presos políticos em auditoria militar no mês de julho do mesmo ano. Segundo os depoimentos, Alexandre teria sido torturado durante dois dias pelas equipes do DOICOD/SP. Os agentes em serviço haviam informado que, após ser posto em cárcere, ele teria cometido suicídio com uma lâmina de barbear, cortando seu pulso. Todavia, em depoimento à Comissão Nacional da Verdade, em novembro de 2012, um ex-agente do DOI-COD/ II Exército, ao ser indagado se teria sido suicídio ou não, diz que:

6 Citação retirada do portal Memorial da Resistência. Disponível em: <http://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/alexandre-vannucchi-leme/>. Acesso em: 27 mar. 2022.

Suposto suicídio. [...] O Vannucchi, a história que contam no DOI é que ele foi levado para a enfermaria, para fazer um curativo, se apossou de uma gilete e cortou o pulso, essa é a versão, mas isso não é verdadeiro. Essas pessoas morreram todas no pau de arara, todas sob interrogatório (1)

Em 12 de dezembro de 2013, a 2ª Vara de Registros Públicos do Tribunal de Justiça de São Paulo determinou, em sentença proferida pela juíza Renata Mota Maciel Madeira, a retificação da causa de morte de Alexandre Vannucchi Leme. De acordo com a decisão da magistrada, na certidão de óbito de Alexandre devia constar que sua morte decorreu de lesões provocadas por tortura (1)

A leitura de *A hora da espera* e *Pontos de fuga* é um laborioso exercício do qual emergem processos de ebulição dos quais somos parte na narrativa do outro, daquilo que não é contado pelo outro (no caso das obras, pelo narrador Martim), mas pelas personagens das obras por meio das anotações, por exemplo, pela minúcia de quem está presente e que, pelo registro escrito, se concretiza pela memória. Perceber a presença dos traumas torturantes é o que faz a obra ser pungente, entre outras coisas. Ademais, ao se tratar do discurso literário, nas obras, é importante salientar que as personagens e mesmo o narrador conseguem abarcar a totalidade da história (como fora dito anteriormente); mesmo com a minúcia e riqueza de detalhes, não se consegue expandir todos os resquícios da verdade soterrada, visto que, na literatura, a condição de inteireza também não é algo consideravelmente possível, embora consigamos ver eles importantes:

“Nunca vi esse cara”, disse Marcela. “Aliás, nunca entrei no campus da USP.”

“Conheci Alex em 1971, numa festa de calouros”, lembrou Sergio San. “Ele escreveu uma

peça de teatro criticando a Transamazônica e publicou um artigo no boletim do centro acadêmico de geologia. A gente se encontrou em fevereiro, num debate na PUC. Os padres e bispos progressistas estavam lá... O Alex fez perguntas. Boas perguntas.”

“Como ele era?”

[...]

“Como ele era?”, insistiu Marcela. “Alex era um intelectual, um dos líderes do movimento estudantil. Gostava de teatro, queria escrever. E não parecia triste. Acho que era mais alegre do que nós.”

[...]

“Esse é o rosto, o que minha memória diz do rosto do Alex. Sei pouca coisa da vida dele. A família é de Sorocaba. Parece que ele militava na ALN. A polícia inventou coisas, disse que ele era ladrão de mimeógrafos e que morreu num acidente quando fugia da prisão. Quem acredita nisso? A imprensa só pode publicar o que os milicos divulgam. Os boletins do II Exército” (Hatoum, 2019, p. 51).

Hatoum promove a divulgação, a denúncia e o embate daquilo que a historiografia oficial tenta colocar panos quentes, daquilo que não “deve ser lembrado”, para não se expor o emblema da defesa da nação (espírito fortemente enraizado e que floresceu e deu muitos frutos em nossa história recente) contra a conscientização ou contra uma base de pensamento que poderia desestruturar a sociedade. Tais pressupostos eram e ainda são muito utilizados, inclusive, nas classes que entram em confronto intelectual, como observado na obra, especificamente em um panfleto do Movimento dos Universitários Democráticos (MUD)⁷, que circulava na missa de sétimo dia de Alexandre Vanucchi e que é refutado por Ox, em que ele diz que os integrantes dessa vertente disseminam as ideias totalitárias e apoiam os torturadores, e, ao pegar o folheto, profere em voz alta:

⁷ A palavra mud em inglês significa “lama”, e Ox expressa esse sentido quando fala sobre o Movimento dos Universitários Democráticos.

No dia 15 de novembro, Anita telefonou pro Ox, deu pra ele nosso endereço da Rue Daguerre, e ouviu palavras cifradas do Martim: “A atriz ainda está hospitalizada... O casal da edícula não vai sair do subsolo de um sobrado nos Jardins... San ainda está no Litoral Sul. Ox e Prometeu vão me ajudar a sair do Brasil”. Prometeu ainda é um mistério.

Hoje cedo, antes de começar a trabalhar neste café, li uma carta enviada pelo Martim. “A atriz recebeu ‘alta do hospital’.” Ele soube que a Dinah não sai do apê da Lapa, tem medo das esquinas, agora o medo brasileiro não a abandonava. Ela não contou o que tinha acontecido no centro de tortura da rua Tutoia, apenas disse pra mãe essas palavras, que o Martim transcreveu: “Sentia a morte dentro de mim, e em vários momentos preferi a morte. Estou destruída” (Hatoum, 2019, p. 288).

Com o corpo e a alma dilacerados pela violência sofrida, tinha de conviver com as sequelas psicológicas e emocionais, embalava-se entre o desejo de morte e a loucura, impactada moralmente pela tortura, que deixa o sujeito sem forças de renovação ou de recomposição de vida. Em suma, é difícil descrever a maneira truculenta e o tratamento que os presos políticos receberam, entretanto, o discurso literário se vale para fazer resistência e consciência, pois, embora não houvesse marcas físicas da tortura sofrida pelos sujeitos, nos semblantes deles está escancarada a forma violenta pela qual eram tratados. Julião, amigo de Martim, pergunta o que teria acontecido em sua detenção e ele responde que:

Perguntei o que aconteceu com ele nos dias de detenção.

“Ninguém dorme na cela, Julião. Os presos desmaiam, se apagam. É a pausa da desgraça.” Interrogatório policial é uma escrotidão, a violência das palavras, dos ferros e choques. Fui detido duas vezes, só porque sou o que

sou, um brasileiro qualquer, sem a porra de um diploma, sem pinta de bacana. Não tem cicatriz nem marcas de ferimentos no rosto e nos braços do Martim, em outras partes do corpo não dá pra saber. O olho direito dele cresceu com a lente dos óculos, mas o que aumentou mesmo foi a tristeza no rosto (Hatoum, 2019, p. 274- 275).

O discurso historiográfico oficial recolhe aquilo que lhe é pesado e constrangedor e promove somente a informação que lhe convém. O trabalho de Hatoum, nas obras, é, senão, uma forma de divulgar o que foi silenciado, por meio do plano ficcional e, por extensão, nos faz refletir criticamente sobre os dados que temos sobre o período da Ditadura Militar, uma vez que rememora a tensão que se passou durante os vinte e um anos de golpe militar. As obras por ora destacadas confrontam as ideias negacionistas daqueles que insistem em admitir os atos criminosos de antes e de um passado ainda presente.

Considerações Finais

Ante o recorte temático proposto, ponderamos que o autor, em suas obras, promove a resistência contra o apagamento da memória coletiva por um discurso relativizador, que rememora o que fora negligenciado pela História ao fazer emergir questionamentos sobre o discurso do Estado, pois não há como apagar a memória nem dominar as lembranças. Ainda hoje verificamos que a tentativa de tornar a memória algo concretamente falso, uma predição obscura de apagamento muito utilizada no último quadriênio presidencial e por muitos grupos de extrema direita nos dias atuais, foi a ferramenta de defesa da ditadura: forjar uma memória e fazê-la presente nos

espaços, mídias (o mundo virtual parece ser hoje o espaço para desmedidos atos criminosos) e livros didáticos.

Nosso país, de ontem e de hoje, apaga e distorce suas memórias, sem considerar a História, o que nos faz perceber que há sempre a recusa em transformar as estruturas de mando (vejamos que logo após o término do período ditatorial, começaram a tratar da tal redemocratização, a qual não chegou a todos os níveis da sociedade naquele momento e talvez, atualmente, ainda não tenhamos isso nas camadas mais periféricas). Nos dois romances até então publicados da trilogia *O lugar mais sombrio*, percebe-se que os registros escritos por Martim e seus interlocutores são o contraponto ao que é camuflado pelas forças do Estado, é também uma estratégia para divulgar acontecimentos como os daquele período, o autor desvenda o que está escondido nas aparências, uma vez que contribuem para que as pessoas se esclareçam e tenham cada vez mais consciência e não estejam satisfeitas em meio a essa tecitura tenebrosa.

A hora da espera e *Pontos de fuga* devem ser considerados um testemunho de um tempo tenebroso de nossa história e de nossa resistência, pois, ao aproximar literatura e política, questiona o que é verdade ao dar voz àqueles a quem foi negado espaços de fala. Pela dor da ausência, pelas memórias do exílio, pela expectativa da perda, pela espera, pela memória que trucidada tanto quanto a tortura física, pela esperança incerta e do esquecimento (des)pretencioso, as obras de Hatoum ganham corpo, pois positivamente revela e amplia a visão sobre a verdade oculta, em que a hora da espera é cortante, porque interminável; e pontos de fuga não existem, e tudo, ainda hoje, continua sombrio.

Referências

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2019.

HATOUM, Milton. **A noite da espera**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HATOUM, Milton. **Pontos de fuga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

JAMESON, Frederic. **O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico**. Tradução de Valter Lelles Siqueira. São Paulo: Ática, 1982.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Irene Ferreira et al. 5. ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MOREL, Edmar. **O golpe começou em Washington**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

PETERSON, Michel. **Estética e política do romance contemporâneo**. Tradução de Ricardo Iure Canko. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.